

Experiência de Alfabetização
Com os Karajá da Aldeia da Barra.

A situação da Aldeia da Barra

Vivem ao longo do Rio Araguaia na altura ~~de Barra~~ do Barão. Antes do contato tinham vida nômade. A organização social tinha por base a família extensa. Atualmente estão aldeados. Dez aldeias ao todo e conta com cerca de 100 índios. A aldeia de que tenho um pouco de conhecimento, fica na barra do rio Tapirapé com o Araguaia. Auto-determina-se. Ixcala. Esse aldeamento se deu de forma espontânea com a instalação de um P.I., por volta da década de 40, visando dar apoio aos Tapirapé.

O contato do povo Karajá com a sociedade nacional foi nos meados do século XVIII. No primeiro contato foram massacrados por uma expedição militar. Desde então, houve depopulação crescente, até chegar nos \pm 1.500 atuais. Devido a uma divergência entre o Capitão e a FUNAI, o P.I. se encontra abandonado. É que o Capitão quer seu filho como chefe. Por outro lado, os Karajá podem fazer este jogo de força porque a Missão Tapirapé,

desejava de obter um espaço, está oferecendo os serviços de saúde e educação.

A liderança da aldeia tem ressentimentos com as Armazinhas. Alegam que elas oferecem aos Tapirapé, toda assistência e a eles quase nada. Na verdade, o que ocorre é que as Armazinhas, sabendo quem é o capitão, não reforçam sua autoridade. Além disso, Tapirapé e Karajá eram e são inimigos. Outra coisa que tem caracterizado os Karajá é o desinteresse pela defesa da Terra. Pelo contrário, são frontalmente contra os Tapirapé, seus vizinhos e bons defensores do território. Declaradamente são defensores e favoráveis aos fazendeiros. Não sei exatamente se toda a aldeia, mas pelo menos o capitão e sua família, sim. A gente se pergunta se esse desinteresse pela Terra não se dá porque o Karajá é pescador. O centro de cultura Karajá é o rio. Já ouvi um relato de ação defensiva do rio. Dois Karajá tomaram a rede de um tori (branco) que estava pescando em suas águas territoriais.

A cada dia se adentram mais no mundo ocidental. Mas, por outro lado, conservam firmemente sua cultura, principalmente a língua e religião. Se inserem no mundo capitalista vendendo o peixe para o marreteiro e adquirindo as mercadorias. Também vendem também os artesanatos. Isso se dá com desvantagens para eles.

Como surgiu a possibilidade
de trabalhar na escola do P.I.

Estudei até o 3º ano do 2º grau. Nunca tive experiências com educação, antes. Logo que entrei na OPAN, fui informado da necessidade de alguém na aldeia da Barra, para trabalhar no setor educação. Em 1979, a Silveira, voluntária da OPAN, conseguiu penetrar na área a revalia da FUNAI, como atendente de saúde. Professor também não havia, mas eles tinham grande interesse em escola. Quer dizer: pintava uma oportunidade rara de se ter mais alguém na área.

As perspectivas são de sairmos dessa aldeia para uma outra, onde não haja posto da FUNAI e a situação do grupo permita uma escola livre. Mas em todo caso respeitamos as perspectivas do grupo, enquanto permanecer lá, vou procurar uma maneira de realizar uma escola atenta às angústias do povo Karajá. Perspectivas existem. Não muitas, ali naquela aldeia. Já somos identificados com a missão das irmãs e a qualquer instante (por questões de perspectivas diferentes) teremos que sair da aldeia da Barra.

Expectativa nos Indígenas.

Eles querem uma escola que os capacite em termos de igualdade com os brancos. Provavelmente eles pensam em ter um lugar próprio dentro da sociedade nacional. Uma prova disso é que o filho do capitão, alfabetizado, pretende ser chefe de posto. Mas existe também uma perspectiva, e esta é a mais ampla, de que a escola vai dar instrumentos para eles negociarem com os marqueteiros. Ou seja, a escola vai dar os meios para eles penetrarem melhor no mundo dos brancos.

Uma visão espiritual da Educação

Para entender o que se passa com o povo Karajá, e mesmo com outros povos, acho que devemos levar em consideração o processo evolutivo (tanto material como espiritual) em que se encontra a terra. Para os povos indígenas, parte integrante da humanidade, este é o momento final do parto, ou do salto. Talvez que para muitos povos, como já foi no passado, o parto, o salto, pode ser fatal, a morte. Não está a própria humanidade, com sua continuidade em risco?

Entendo que um povo quando mantém as bases de sua cultura (língua e religião) firmemente e por outro lado abre-se e assimila aspectos de uma outra cultura (no caso a cultura da civilização ocidental cristã), o que este povo está buscando, na verdade, é uma síntese e não a sua extinção.

Quando o indígena que quer ir à escola, como o do Toró, ele tá dizendo que quer ter acesso ao mundo ocidental naquilo que pode oferecer - lhe de bom, crédito. Quando um indígena está na sala de aula, e ouve o canto do rito de Aruanã que ecoa lá fora, no mesmo instante interrompe o que está fazendo e sai pra cantar e dançar. Como que nesse instante, ele está dizendo que quer assimilar coisas boas da cultura estrangeira, mas que quer muito mais conservar e viver sua cultura.

Nesse instante instalam-se os dois polos do processo evolutivo de um povo, determinado, em interação com uma parcela da humanidade, que está presente, também, de um outro processo evolutivo atinge todos os povos e todos um planeta. É esse salto se dá em cada instante da vida dos povos indígenas e outros, de primitiva ascendência. Esse salto da síntese. Do que é novo, da nova era. Da nova humanidade.

Descrição da experiência.

Antes de iniciar o trabalho, tinha conhecimento da situação do grupo, através de relatórios e cartas da Sílvia à coordenação da OPAN. E a leitura do mural, romance de José Mauro de Vasconcelos. Já havia o pedido da escola quando cheguei na aldeia.

O nosso principal problema é
com a liderança do grupo. O capitão
é um homem sem uma postura de
defesa do grupo, visa apenas a sua pro-
moção e de sua família. Como nós
pretendemos a defesa do grupo, a realização
do comunitário não conseguimos inserir
no capitão uma pessoa com a qual
possamos ter um diálogo. Até hoje nos
mantemos silenciosos em relação a
alguns temas sobre os quais sabemos
divergir dele. Sabemos que, se abriremos
o jogo, nos jogamos fora. O ponto
de conflito é a visão que eles têm
da gente, ou tenham, porque fizemos
há pouco tempo uma reunião mandada
clarecer as coisas. É o seguinte:
para eles, nós (professores, atendentes)
seríamos funcionários, só que um, de
da FUNAI, somos da missão. Alguém
que está ali para servir a eles e nada
mais. Uma espécie de "peão". Já houve
um conflito entre o filho do capitão
e a Sílvia, porque ele queria que
ela fizesse um curativo no cachorro
como ela negou, e ele ficou com
muita raiva e disse que ela estava
ali para fazer o que eles quisessem.
Outro dia usou mesma cara, por 2 vezes,
pegou a chave da farmácia e entrou lá
sem avisar a gente, sempre de cara
fechada com a gente.

Aí surge o impasse. Não sabemos, ou melhor, não podemos fazer nada. A maioria do grupo é indiferente frente ao autoritarismo do capitão. Se bem que existem, 2 chefes de famílias que se opõem a ele, mas por enquanto, essas duas não trazem muitas esperanças. Possivelmente um deles, chegando a capitão cometerá o mesmo autoritarismo do atual.

Com uma turma como base na alfabetização e outra já alfabetizada, segue-se uma metodologia \pm oficial, por exigência deles.

Até agora não houve uma programação. Somente o horário.

- Turma dos rapazes (já alfabetizado)
das 16:00 às 18:00 horas.
- Turma dos adultos (já alfabetizados)
das 18:00 às 20:00 horas.

Mas vou propor aos adultos em vez de 6:00 às 8:00 horas, passar para o início do dia. Assim que clarear.

Por exigência deles começamos a alfabetização em português. Com a ajuda do Luiz e da Nice, que trabalham com os Tapirapé. A metodologia foi a partir do Paulo Freire.

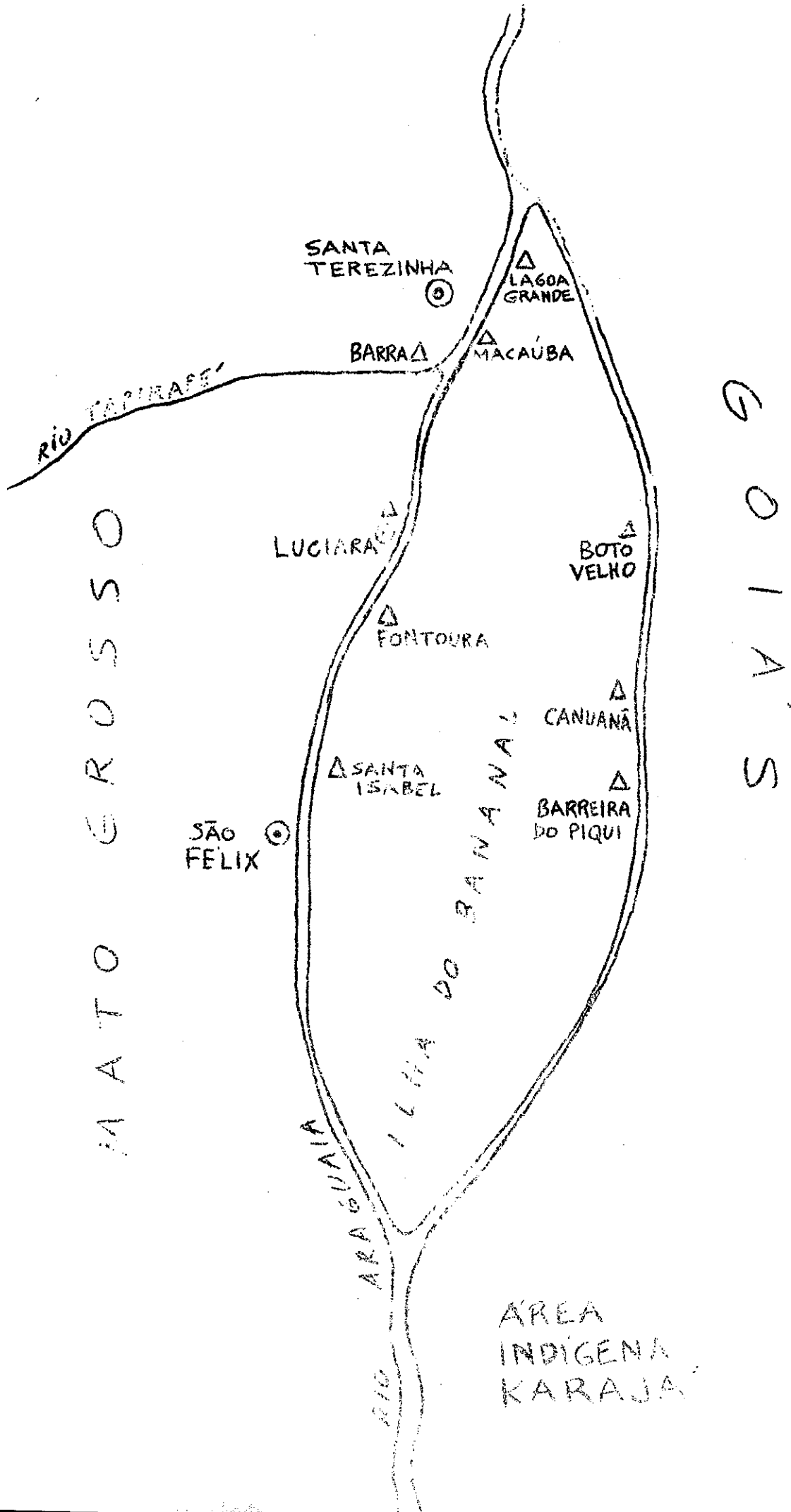
Por uma exigência nos currículos a alfabetização em português. Com a ajuda do Luis e da Nice, que trabalham com os Tapirapé, começamos. A metodologia foi a partir do Paulo Freire fizemos também exercícios de fixação das palavras. A primeira palavra-chave foi BURITI, uma palmeira muito utilizada por eles. Descobrimos-se uma quantidade razoável de palavras. É o que foi mais surpreendente é que 30% dessas palavras eram na língua Karajá. ~~Meu~~ Sem saber a ortografia já estabelecida pelo SIL, eu as escrevia de forma portuguesa. Ai foi bom, porque eu comecei a aprender também. E ai a coisa pintou naturalmente, sem que eu nem eles nos dessemos conta. Depois foi a vez das palavras POTE, TUCUNARE e TUCANO. Estas palavras, à primeira vista, não têm conteúdo político (não podia tocar em questões políticas) mas de uma forma ou de outra os textos tiveram peso político. O texto da palavra POTE os surpreendeu pela valorização do seu mundo cultural. TUCUNARE também (um dos peixes mais apreciados por eles). O texto sobre TUCANO reconhecia que eles estavam acabando e apontava para o branco como causa do extermínio. Dois dos textos foram feitos a partir da discussão deles e justamente esses foram melhor aprendidos.

Ai, a gente tem dado também misturísticas. Por enquanto estamos na adição. Elas gostam muito.

Perspectivas

Continuar, com um tipo de escola que corresponda, aos anseios do grupo. Esperando que com o tempo abra-se uma brecha e a gente consiga dar os nossos toques.

Mas a gente não pode esquecer que a qualquer instante, por pressão do capitão, teremos que abandonar a aldeia da Barra. Ou então, com maiores conhecimentos das possibilidades de um trabalho em outra aldeia, a gente se retira espontaneamente.



M A T O G R O S S O

G O I Á S

SANTA TEREZINHA

▲ LAGOA GRANDE

BARRA ▲

▲ MACAÚBA

RIO TAPIRASSU

LUCIARANGA

▲ BOTO VELHO

▲ FONTOURA

▲ CANUANÃ

▲ SANTA ISABEL

▲ BARREIRA DO PIQUI

SÃO FELIX

ILHA DO BANANAL

RIO ARAGUAIA

ÁREA INDIGENA KARAJÁ